



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

MICHELE KANITZ

(depoimento)

2017

CEME-ESEFID-UFRGS

FICHA TÉCNICA

ENTREVISTA CEDIDA PARA PUBLICAÇÃO NO REPOSITÓRIO DIGITAL DO CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE

Entrevistada: Michele Kanitz

Entrevistadora: Mariana Cristina Borges Novais

Local da entrevista: Santos Dumont, Minas Gerais

Data da entrevista: De 11/09/2017 a 19/12/2017

Processamento da Entrevista: Mariana Cristina Borges Novais

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Páginas Digitadas: 11 páginas

Número da entrevista: E-809

Data da autorização para publicação no Repositório: 30/04/2019

Informações complementares:

Observações:

Entrevista realizada para a produção da Dissertação de Mestrado de Mariana Cristina Borges Novais intitulada **À beira do gramado ou fora do jogo?: As treinadoras do futebol de mulheres no Brasil** apresentada no Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Juiz de Fora em junho de 2018.

<p>O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.</p>

Santos Dumont, 11 de setembro a 19 de dezembro de 2017. Entrevista com Michele Kanitz a cargo da entrevistadora Mariana Novais para a dissertação de mestrado.

M.K. – “Meu nome é Michele Kanitz, tenho 26 anos. Brasileira, natural de Muçum. Solteira e não tenho filhos. Eu sou formada em Educação Física. Trabalho como Treinadora de Futebol com carga horária de 70 horas semanais”.

M.N. – Boa tarde. Gostaria que você começasse me contando como era a sua relação com o esporte em geral desde a sua infância até a sua adolescência.

M.K. – Boa noite, Mariana. Tudo bem? Então, a minha relação com o esporte ela sempre foi muito... muito forte no contexto geral. Desde criança eu fiz diversas atividades, em diversas áreas diferentes... eu fiz futsal, fiz um pouco de campo... de futebol de campo, mas infelizmente não tinha muita área para menina, no caso, naquele tempo então fiz mais o futsal. Mas fiz natação, fiz basquete, fiz vôlei... é... o que mais? Fiz mais um monte de coisa. Algumas danças também... tradicionais gaúchas. Então eu circulei bastante. Patinação artística eu fiz também por bastante tempo então eu sempre gostei muito do esporte em geral e sempre tive muito presente em tudo que era relacionado ao esporte.

M.N. – Muito legal. E especificamente com o futsal ou o futebol, como foi esse processo? Como era a prática na época? Agora falando mais dessa relação com o futsal e o futebol mesmo, por favor.

M.K. – Então, Mari, na verdade eu sempre fui incentivada pelos pais desde pequena a ter o contato com a bola e jogava assim de brincadeira mesmo o campo e o futsal eu cheguei a fazer... participar de uma escola que hoje já não existe mais... de futsal feminino... e eu adorava. Eu sempre fui desde pequena em estádios então tudo que era relacionado ao futebol ou ao futsal eu sempre estava bem envolvida, mas infelizmente eu tive... não tive tantas oportunidades. Ainda hoje as oportunidades são bem aquém do que deveriam ser, mas naquele tempo as oportunidades eram bem menores e mesmo assim as poucas que eu tive eu sempre pratiquei e depois na faculdade que eu voltei, no período de aulas de

futsal, a jogar um pouco ainda, mas não tive tantas oportunidades como hoje em dia esse mercado está se abrindo mais pro jogo. Para o futsal e para o futebol.

M.N. – Entendi. E você comenta que foi incentivada pelos seus pais. Queria saber se você teve alguém que tenha sido referência nessa questão de apoiar e incentivar a praticar o futebol ou o futsal.

M.K. – Então, Mari, minha referência foi realmente meus pais. Primeiramente, meu pai e minha mãe que sempre estiveram do meu lado, o meu irmão que é mais novo, mas sempre seguiu essa área do futebol, sempre jogou e está se direcionando ao esporte também. Então a minha referência foi sempre dentro de casa. A minha mãe jogou futebol, meu pai também jogou, tentaram também outras... tentaram se firmar, mas infelizmente nenhum dos dois conseguiu. Por falta de oportunidade, por ter que escolher entre trabalhar e tentar o futebol tiveram que trabalhar então os meus exemplos e até sem eles... sem essa minha referência nada do que... nada seria possível sem todo esse apoio deles até hoje, essa força de vontade deles de me motivar, de me incentivar, de me colocar sempre no caminho certo, dando os conselhos certos, então tudo que eu já conquistei eu devo muito a eles.

M.N. – Perfeito. E durante a sua trajetória como atleta, dentro do futebol, por quem você foi treinada?

M.K. – É... Na verdade quando eu fiz o futsal foi um profissional que hoje ele continua no mercado da bola que é o Deive Bandeira. Ele treinou meu irmão por algum tempo e aí surgiu essa hipótese de fazer o futsal... O feminino e aí ele acabou abrindo a escola e em cima disso foi feita... Eu acabei sendo uma das alunas dele. Fiquei um tempo e depois infelizmente não foi dado sequência, mas foi muito bom esse início todo com ele.

M.N. – Entendi. E por mulher, você chegou a ser treinada também?

M.K. – Não, por mulher não. Infelizmente eu sempre tive apenas contato com homens. Gostaria sim de ter tido mais contato com mulher nessa formação, mas infelizmente não tive. Só com homens mesmo.

M.N. – Entendi. E como as pessoas percebiam a sua participação no futebol? Quando você dizia que praticava esse esporte, o que você costumava ouvir?

M.K. – É... Bom, na verdade eu nunca me preocupei muito com o que as pessoas comentavam. Eu gosto, eu sempre gostei, então nunca parei para prestar atenção também em relação aos comentários das pessoas. Mas é claro que eu me lembro de comentários positivos, principalmente do lado masculino. Amigos... Principalmente amigos do meu pai e algumas pessoas da família que achavam bacana, que eu estivesse nesse esporte. No futebol e outros esportes eles ficavam felizes por eu estar participando de mais um esporte.

M.N. – Sim, legal. E pelo contrário disso, você se lembra de alguma situação em que você tenha sido alvo de preconceito em função dessa prática?

M.K. – É... Durante a prática não, Mari, mas no meu ciclo de trabalho inicial com o futebol, tanto no masculino quanto no feminino, sim. Infelizmente a figura da mulher... Aliás, a figura de um profissional que foi contratado para uma função seja de treinador, ou preparador físico ou de goleiras, qualquer uma função que esteja no futebol, independente de masculino ou feminino, ainda há muitas pessoas que tem preconceito muito grande em relação a isso. Não por ser mulher, mas as pessoas não conseguem olhar você como profissional e eles te rotulam de uma forma que você não pode trabalhar.

M.N. – Entendo. E você se lembra e gostaria de relatar alguma situação específica que tenha acontecido já nesse âmbito profissional?

M.K. – Eu prefiro não especificar essas coisas que aconteceram, mas muito preconceito de ter uma mulher no cargo, de julgá-la que não tem competência nenhuma para tal. Quem me falou isso também foi a pessoa que estava por trás das contratações... De falar que eu

sou muito nova e não deveria estar onde eu estou. De levar algumas cantadas e [pausa]. Alguns abusos da pessoa não respeitar o meu espaço, de tentar ser mais agressivo assim com palavras, de oferecer coisas, mas enfim. Eu sempre fui muito firme em relação a isso e sempre soube sair por cima de todas essas histórias. Graças a Deus eu aprendi muito com a minha família em relação a isso e eu já sabia que poderia acontecer esses casos e me preparei muito para quando acontecesse eu soubesse lidar com esse tipo de situação totalmente desagradável.

M.N. – Está bem. E aí já passando para sua carreira como treinadora, queria que você me contasse como começou, como se deu sua inserção.

M.K. – Então, Mari, devido à falta de oportunidade de jogar futebol, pela... Por não ter escolas mesmo lá no Sul e também por não ter condições de procurar outros lugares, de sair para mais longe para tentar alguma coisa, eu resolvi que eu ia estudar e me focar no esporte. Foi nesse momento que, em primeira mão, eu tentei fazer medicina, aí eu até cheguei a passar, mas eu vi que não era o que eu queria. É... Não queria trabalhar só com a recuperação de pacientes ou outras áreas assim mais específicas, eu queria trabalhar realmente no campo e aí eu fui fazer faculdade de Educação Física no Sul mesmo e logo no primeiro semestre do curso, já sabendo a área que eu queria, que era o futebol, todos os cursos que eu pude fazer eu sempre corri atrás para poder fazer e em cima disso, logo em sequência eu comecei a fazer um estágio na categoria de base do Futebol Clube Santa Cruz... Fiquei um ano e meio com eles. Aí depois eu fiquei meio ano no Lajeadense e logo em seguida que saí de lá eu fiquei em uma franquia do Inter... Que é o Genoma Colorado por mais um ano. E aí depois do Genoma Colorado sempre com categorias de base, até o sub 15 e depois disso eu voltei para o Santa Cruz... O Futebol Clube Santa Cruz, mas aí no profissional fazendo um pouco... Auxiliando o treinador e fazendo um pouco da parte de análise de desempenho. Time que disputa a série A2 do Campeonato Gaúcho. Então foi uma experiência diferente das demais, mas foi muito bacana. Nesse meio tempo também eu fiz diversos cursos e em cima disso aproveitei bem o período da faculdade com os cursos e o trabalho para adquirir bastante experiência e aproveitei para fazer bastante estágio também. Eu conheci vários clubes da primeira divisão do Campeonato Brasileiro devido aos cursos também pela abertura de profissionais que eu

conheci e foi muito bom. Fiquei ali circulando por algum tempo e depois eu fui para a Ferroviária, fiquei sete meses lá. Aí eu resolvi sair de lá devido a uma série de inconseqüências de alguns profissionais, por falta de compreensão do processo... De compreensão não... De querer concluir o processo, porque é impossível você trabalhar onde você não tem uma comissão que é paga. Por várias incoerências dos profissionais que estavam lá, então é impossível você fazer tudo sozinho. Eu resolvi sair de lá não foi devido a resultados, ninguém me mandou embora... Porque, em relação a resultado, principalmente no Campeonato Paulista, a gente tinha feito seis jogos com cinco vitórias e um empate e no Brasileiro a gente estava em quarto lugar na zona de classificação. Tinham sido treze jogos, se não me engano. Então, não foi por causa de resultados, *eu* resolvi sair de lá, eu resolvi abrir mão do meu cargo por uma série de fatores que aconteceram e [pausa]. Aí eu fique... Depois eu saindo de lá eu resolvi estudar e fazer algumas coisas que eu também precisava fazer e aí agora eu vim para o Corinthians. Corinthians/Audax para contribuir um pouco com o processo no final no Paulista mas principalmente para a disputa da Libertadores que é já na próxima semana.

M.N. – Entendi. Só para esclarecer, esses clubes que você passou, você trabalhou com o futebol de homens ou sempre com as mulheres?

M.K. – É... Sempre foi com o masculino. Os que eu te falei. O Futebol Clube Santa Cruz, o Lajeadense e o Genoma Colorado. Foram com o masculino até o sub 15 e depois retornando para o Futebol Clube Santa Cruz foi com o profissional masculino também que disputa a série A2 do Campeonato Gaúcho. A minha experiência no futebol feminino foi na Ferroviária e agora a segunda experiência é aqui no Corinthians/Audax.

M.N. – Entendi. E no início da sua carreira existiu alguém que tenha sido referência ou que tenha te ajudado no processo de inserção?

M.K. – É... Eu sempre cito os meus pais porque eles que me deram todo o apoio, toda a força para iniciar. Se não fossem eles eu não teria iniciado essa trajetória. Claro que conheci vários profissionais, mas sem o apoio deles nada seria possível.

M.N. – Entendi. Essa pergunta é mais em relação a referências profissionais mesmo.

M.K. – Então, de referências profissionais eu tive alguns mas são tantos nomes que [riso] acaba sendo difícil falar porque eu acho que cada pessoa teve um... Contribuiu de uma forma diferente em cada etapa do processo de aprendizagem e vem me ajudando de formas diferentes até agora. Então são algumas pessoas que eu tenho um carinho muito grande, mas não gostaria de falar assim porque senão eu acabo esquecendo de alguém.

M.N. – Tudo bem. E você considera que tenha havido algum tipo de dificuldade para começar a carreira? Isso perante atletas, comissão, dirigentes, família...

M.K. – Com relação à família não, eles sempre me apoiaram muito. Por parte de algumas pessoas que estão no meio, sim. É... Devido a entender que talvez lugar de mulher não seja no futebol, de algumas pessoas se questionarem se a pessoa é competente ou não, mas eu sempre fui muito focada nos meus objetivos e sabia que eu iria enfrentar um pouco de dificuldade no início... É... Digo dificuldades até então, porque hoje graças a Deus é um pouco mais tranquilo, mas até o último momento teve bastante dificuldade de pessoas acharem que estão há tanto tempo no futebol e aí um outro profissional entrar e ainda mais por ser mulher... Julgam que você não tem a competência suficiente para estar onde você está. Mas eu nunca me importei muito com isso, eu escutei de uma forma muito inteligente essas questões e sempre mostrei com trabalho e competência que o lugar onde eu estou é pela dedicação e pelo meu trabalho. Não é pela ajuda de ninguém não e isso eu nunca precisei. Essas críticas só me fazem ficar mais fortes.

M.N. – Entendi. E o que você considera então que seja importante para o sucesso na carreira de uma treinadora?

M.K. – Acredito que seja a busca constante de aprendizado nas mais diversas áreas que se estende o futebol.

M.N. – Considerando essa importância da capacitação então, além do curso superior em Educação Física, como foi seu processo de capacitação para ser treinadora?

M.K. – Na verdade, assim que eu entrei na graduação, eu sempre procurei cursos direcionados a área. Capacitações que pudessem me dar mais abrangência em relação ao futebol, no contexto geral. Então, desde que eu entrei na faculdade tinha cursos relacionados a parte mais academia, mais parte física, fisiologia... É... Já trabalhando durante a faculdade com o futebol eu fiz algumas capacitações na parte técnica, parte tática e alguns cursos no Sul mesmo e nesse meio do processo, durante a faculdade, eu ingressei a fazer o curso da... A Licença C da CBF. Fiz a Licença B no outro ano, fiz Análise de Desempenho também. Agora eu estou concluindo um de especialização em futebol na UFV, em Minas e eu sempre fui muito de buscar. Se tinha um curso interessante relacionado a área eu sempre fui atrás para poder fazer e me capacitar cada vez mais. Além dos cursos fiz muitos estágios, sempre corri atrás em relação a isso também para conhecer outras realidades, tanto na base e um e outro também no profissional para poder entender melhor o procedimento não só teórico mas prático também.

M.N. – Entendi. E em relação a redes de contato, qual a importância delas na sua concepção?

M.K. – Extremamente importante, Mari, porque foi assim que me abriram muitas portas. De conhecer profissionais extremamente competentes, de conhecer estruturas, de saber um pouco da realidade de cada um. E os mundos diferentes do masculino e do feminino também, a parte da base, do profissional, enfim. A rede de contatos, esse networking ele é muito importante para a gente trocar experiências e fazer com que a gente tenha um ganho muito grande em todos os sentidos.

M.N. – Sim. E você comenta sobre esses mundos diferentes, gostaria que você comentasse como está estruturada a profissão de treinadora no Brasil em termos trabalhistas mesmo, por favor.

M.K. – Na verdade, em termos trabalhistas, eu acho que ela é muito aquém ainda em todos os quesitos do mais alto escalão do profissional masculino até categorias de base ou times de divisões menores. Eu acho que não é devidamente como devia ser. Não existe

contrato... O contrato ele é muito aberto, a CLT também... A Carteira de Trabalho acho que não tem uma organização melhor em relação a isso. O que eu vi foi que eles estão tentando algumas coisas e eu tenho certeza que vai melhorar um pouco mais a profissão em si.

M.N. – Entendo. E em relação a remuneração o que você tem a dizer? Está satisfeita?

M.K. – A remuneração eu acho que ela é bem inferior ao que os profissionais deveriam receber. Acho que no contexto geral o futebol feminino é muito aquém e acredito que quem deve receber um salário considerável é quem está no alto escalão só. Do restante, acredito que tenha muitos profissionais que não são valorizados como deveriam.

M.N. – Entendi. E dentro do futebol feminino, você vê diferença de compatibilidade na remuneração entre homens que treinam as mulheres e mulheres que treinam as mulheres também?

M.K. – Na verdade eu não sei te responder essa pergunta porque eu não... Desconheço sobre a equivalência de salários. Mas, por onde eu passei acredito que o salário era semelhante devido às condições do clube. Mas fora isso não sei te dizer essa relação.

M.N. – Sim. Sem problema. E exatamente a próxima questão, diz respeito a essas condições às quais você se refere do clube. Queria que você contasse um pouco como são as condições de trabalho de uma treinadora hoje dentro do futebol de mulheres.

M.K. – Infelizmente ainda as condições não são das melhores. Porque algumas situações ocorrem de forma um pouco precária e como treinadora onde já passei eu tive muito “Você tem isso, você trabalha com isso” e não tem a possibilidade de conseguir outras coisas. Me refiro a material, financeiramente, entre outras coisas. Então ainda fica um pouco aquém do trabalho. Você tem que se virar com o que você tem em mãos. Por um lado é bom porque eu acho que quem começa assim acaba adquirindo pontos positivos em relação a criatividade, a saber se adaptar a situações, mas também dificulta no

processo. Esse é o lado negativo porque tem muita coisa extra campo que fica muito... Que impedem que você trabalhe de uma forma que seja mais coerente e que poderia agilizar o processo.

M.N. – E o processo de formação das comissões técnicas e também de convocação e formação da equipe. Como é a autonomia da treinadora em relação a esses pontos?

M.K. – Bom, como eu já cheguei em um primeiro projeto já com as coisas bem definidas eu infelizmente não tive autonomia para isso. Mas acredito que pegando um início de trabalho e conhecendo um pouco mais a realidade a autonomia, com base nas coisas que você faz, ela acaba vindo.

M.N. – E como é a sua relação com as pessoas lideradas por você? Tanto comissão, quanto atletas.

M.K. – Então, Mari, foi uma adaptação muito tranquila. Eu tinha alguns receios no início mas foi muito tranquila a relação, todo mundo muito participativo, comunicativo e o trabalho fluiu como deveria fluir, tanto em relação a atletas e quanto à comissão o respeito sempre foi mútuo e deu muito certo.

M.N. – Que bom. E atualmente, você possui alguma outra ocupação profissional?

M.K. – Não, Mari. Só nessa área mesmo. Só trabalhando aqui.

M.N. – Entendi. E como se dá a conciliação entre a sua via pessoal e profissional?

M.K. – Acho que no contexto geral, trabalhando com o futebol, você acaba abdicando de algumas coisas. E... Enfim. Mas é o que eu escolhi. A vida pessoal, às vezes fica um pouco de lado porque o meio do futebol é realmente bem corrido sempre, mas quando dá algum tempo eu tento aproveitar mais a minha família, um pouco dos amigos para realmente matar um pouco da saudade porque a gente acaba viajando realmente bastante e sempre de um lado para o outro e acho que é isso [riso].

M.N. – Está ok. E já quase finalizando as nossas questões, eu gostaria de saber se hoje em dia você considera haver ainda alguma dificuldade para você permanecer no cargo de treinadora?

M.K. – Não vejo dificuldade para isso. Pois acredito que depende só da minha pessoa mesmo, para que eu possa fazer um bom trabalho e assim permanecer no cargo.

M.N. – E como você enxerga e analisa as possibilidades de ascensão para as mulheres que são treinadoras no Brasil?

M.K. – Acredito que essa ascensão do futebol feminino ela abre muitas portas. Eu sempre digo que, indiferente da mulher ou do homem, vai abrir portas para a competência do profissional porque se já somos julgadas por sermos mulheres a gente tem que mostrar mais competência do que qualquer outra pessoa para que a gente possa trabalhar tranquila e poder receber, claro, os elogios, mas também as críticas construtivas de forma que possa sempre agregar no nosso trabalho.

M.N. – E quais são as suas expectativas futuras como treinadora?

M.K. – Expectativas futuras é que eu possa sempre trabalhar da melhor forma possível. Eu tento viver o amanhã, não penso muito lá na frente porque o futebol é assim. Um dia você está aqui, no outro dia você ganha uma oportunidade em um outro local... Então é aproveitar sempre o máximo as oportunidades que eu já estou ganhando e que eu vou ganhar para cada vez aprender mais, ter mais experiência e poder ir alcançando os objetivos. Eu *tenho* alguns objetivos pessoais, mas sempre guardo bem eles comigo [riso] para poder ir aos poucos batalhando e adquirindo eles.

M.N. – Entendi. E por fim, existe algo na sua trajetória até então, que te faça ou já tenha feito pensar em desistir dessa carreira?

M.K. – *Não*, jamais. Desistir nunca [riso]. Tiveram muitas coisas que me deixaram bem chateada, mas bem pelo contrário, foram situações que me fizeram querer mais. Em vez

de ser uma situação que me colocasse para baixo, foram situações que eu sempre tentava trazer para o lado positivo para mostrar para as pessoas o meu lado profissional e quem eu sou.

M.N. – Ótimo. Eu finalizei com as questões que eu tinha pré-estabelecidas e eu gostaria de saber se você deseja deixar algum comentário, fazer algum registro sobre algum assunto que seja pertinente às questões que a gente tratou, mas que eu não tenha te questionado.

M.K. – Ah, Mari, eu acho que a gente conversou bastante, eu acho que deu para eu te falar um pouco das coisas como eu penso. Acho que ficou interessante [riso]... Acredito eu [riso]. Porque foi bacana conversar com você e expor de uma forma bem... Com uma liberdade bacana, uma conversa sempre bem boa, as suas perguntas sempre bem pertinentes, todos os assuntos. Eu só quero te agradecer por você me dar essa oportunidade de contar um pouquinho do que eu já fiz, das minhas experiências e como que é o trabalho.

[FINAL DA ENTREVISTA]